

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



Racionais MC's: Rememoração e Elaboração
***Tô ouvindo alguém me chamar* - A luta pelo direito à**
Memória

Mariana Wartusch - contatowartusch@gmail.com

Resumo: A partir da inquietude sobre a circulação da escuta de um analista, o artigo tem por finalidade tratar da dificuldade e importância dessa questão que retoma os preceitos finos de uma escuta analítica até o reconhecimento do sofrimento do sujeito. A música 'tô ouvindo alguém me chamar' dos Racionais MC's é uma reivindicação poética que dedica-se em desvelar, a partir da rememoração do último dia da personagem em seu leito de morte, os atravessamentos sociais que silenciam sujeitos e o apelo da escuta em cena. Pela análise da música, caminhando pela subjetividade do sujeito até seu exterior, Cultura e Estado, o texto traz a importância do reconhecimento do sofrimento desses sujeitos à margem e a delicadeza da escuta que eticamente deve estar à altura de seu tempo.

Palavras-chave: Racionais MC'S; Memória; Literatura; Cultura; Escuta

São Paulo

2024

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



**Racionais MC's: Reminisce and Elaboration "Tô ouvindo
alguém me chama" - The Struggle of Memory
Acknowledgment**

Mariana Wartusch - contatowartusch@gmail.com

Abstract: Regarding the circulation of listening within an psychoanalyst's practice, this article aims to approach the difficulty and importance of this issue, which revisits the subtle precepts of psychoanalytical listening till the recognition of the subject's suffering. The song 'Tô ouvindo alguém me chamar' by Racionais MC's is a poetic claim that dedicates itself to unveiling the social crossings that silence subjects and the appeal of listening in the scene through the reminisces one's last day of life. Through the analysis of the song, traversing the subject's subjectivity to its exterior, Culture, and the State, the text brings forth the importance of recognizing the suffering of these marginalized subjects and the delicacy of listening that ethically must be up to its time.

Keywords: Racionais MC'S; Memory; Literature; Culture; Listening

São Paulo

2024

Racionais MC's: Rememoração e Elaboração¹

Tô ouvindo alguém me chamar - A luta pelo direito à Memória

EXPERIÊNCIA

A maneira com que nos relacionamos com o mundo é resultado de uma larga experiência histórica que intervém, inclusive, na sensibilidade. O modo de olhar, perceber e escutar não é sem o peso de um processo social histórico, dessa intervenção que concebe a estrutura sensível individual.

Tudo o que temos chamado de mundo ao longo da história deixa resíduos superpostos, que se acumulam sem se preocupar minimamente com as contradições. O que a cultura nos veicula como sendo o mundo é um empilhamento, um depósito de destroços de mundos que se sucederam e que, apesar de serem incompatíveis, não deixam de se entender muito bem no interior de todos nós. O campo particular de nossa experiência permite-nos medir a pregnância dessa estrutura (Lacan, 1962/2005, p.43).

Carregada no olhar e na escuta, a história tem papel fundamental na capacidade sensível de apreensão da experiência que exerce o contato mediador entre sujeitos e objetos. Designar esses objetos ostensivamente é esquecer-se de que a linguagem é em um sistema de relações e variáveis, a incluir tempo em seu conceito de mediação. Portanto, a experiência de rememoração não é simplesmente descrever ou lembrar o que aconteceu, é também ter a possibilidade de elaborar o que ocorreu e, nessa elaboração, se faz possível a modificação do sentido do que foi - me alieno de mim mesmo e retorno a mim mesmo dessa alienação (Hegel, 1807/2018, p.334). E é em decorrência dessa modificação que são transformados os efeitos que o acontecimento pode produzir, ou seja, rememorar é uma forma de acontecimento que propulsiona, por atravessar a linguagem, giros discursivos; recordar, repetir e elaborar.

¹ Texto originalmente publicado em 2021 - *O Psicanalista vol.IV, Org. Michele Roman Faria, Toro editora*

A confluência de discursos marcados pela singularidade do sujeito imerso num determinado tempo e espaço, ou seja, na história que detém uma validade e conseqüentemente as culturas que nela habitam, revela o ponto nevrálgico crucial de sensibilidade de escuta: a saber, que a experiência dialética da enunciação revela discursos marcados pela ocultação das relações de poder. Ora, em “Nomes do Pai”, Lacan já indica a notoriedade da cultura na formação do analista (Lacan, 1963/2005, p.41). Diante deste país colonizado, de herança escravista, como percebemos a estrutura social brasileira, cortês e ressentida, que acolhe significantes conduzidos a uma naturalização e a uma banalização da nomeação, ou a uma anomia do mal-estar, do não dito? Quais os repertórios culturais que nos circundam e nos formam? Por onde circula nossa escuta que reivindica o direito à rememoração, à narrativização e à elaboração de histórias silenciadas?

O campo fecundo da rememoração transgride as fronteiras tradicionais, a lógica argumentativa do sistema e, no limiar das palavras, faz emergir fragmentos de vivências singulares que não esquecem de suas pegadas nas ruas públicas. Nesse ponto, o caminho da rememoração traz à superfície veredas que remontam certezas imediatas, reconfigura aquilo que aparece dotado de uma realidade imparcial, redimensionando toda uma produção, uma transformação possível. E uma sensibilidade para os interstícios do tempo, um reconhecimento do direito à narrativização e à escuta de memórias.

SUJEITO REMEMORANTE

*“Ninguém é mais pobre do que aquele que não se interessa pelo mundo em que vivem seus semelhantes”
Maria Rita Kehl*

Nesse aspecto, os Racionais MC's atuam como uma arguta voz, que traz a urgência de compreensão de temas que interrogam as condições de laços sociais, e cuja transmissão desfruta de um tempo distendido para o detalhamento das narrativas líricas. Na boca do novo milênio, 1997, Racionais MC's lançam seu álbum histórico “Sobrevivendo no Inferno”, uma obra hoje consagrada, mas que inicialmente sofreu grandes perseguições críticas e políticas², até ser levada à bibliografia obrigatória do vestibular da Unicamp em 2020, classificada em sua primazia: poesia. Esta é

² In: *youtube* - <https://www.youtube.com/watch?v=9Rg7vYP6tA4>

emergida pelas vivências cantadas pelos integrantes Mano Brown, Ice Blue, ambos da periferia da zona sul de São Paulo, e Edi Rock e o dj KL Jay, da norte. O que de gênese os Racionais realizavam era, precisamente, um abalo das estruturas hegemônicas, a ruptura com a ideia mítica de emancipação por uma cultura unívoca (país do samba, do futebol, da democracia racial), que insistia no abafamento da atroz realidade da vida periférica. A dimensão do vivido é a tônica do material articulado na poesia. Pela falta de reconhecimento e visível desequilíbrio estrutural na sociedade brasileira, os Racionais tornaram-se porta-vozes das comunidades urbanas, conectando pessoas do extremo sul ao norte paulistano. O grupo tornou-se marco de resistência e luta, por trazer o *Raio X do Brasil*³, a rememoração de histórias inauditas. Essa inserção enunciativa dentro de uma ordem discursiva hegemônica é o que se torna veemente agente naquilo que costura; os contornos do horror e da luta; *viver entre o sonho e a merda da sobrevivência*⁴.

Desde aquela época, o rap já estampava crítica social e denúncia da inação governamental, fábrica de amnésia, cúmplice das atrocidades sofridas pelos pretos e o apagamento identitário destes no campo social brasileiro. Assim como o repente no Nordeste, o rap traz consigo o suporte rítmico da rima e função mnêmica que, transformando a linguagem esteticamente, pode ser classificado como literatura oral. De longa data, a literatura oral permeia a cultura brasileira como forma de resistência, direito humano à narrativização, articulação de caminhos que acolhem lugar onde palavra é casa, ainda que nela habitem silêncios. Torna-se um direito à escuta da aflição, da invisibilidade e constrói *com os favos da rememoração, uma casa para o exame dos pensamentos* (Benjamin, 1929/2012, p.39).

A similitude da literatura com o rap, ainda que infeliz e recorrentemente classificada como proscrita, nas palavras de Antonio Candido, têm uma eficácia, um caráter humanizador (Candido, 1988/2011, p.178). Essa união de *Rhythm And Poetry*, o que há de transformador, é potencialmente a expressão de seu próprio conteúdo (...) *de tal modo que ele está vivo na subjetividade do sentimento* (Hegel, 2002, p.320). E nessa delicadeza no relato de um tecer subjetivo, a aproximação de realidades encontra via de escuta pela rememoração e a lapidação de uma sensibilidade em virtude desta. Toda corporeificação elaborativa que, por intermédio

³ Além do sentido de diagnóstico, alusão ao primeiro álbum de estúdio do grupo, *Raio X Brasil*, 1993.

⁴ RACIONAIS MC'S, "Nada como um dia após o outro dia", 2002.

de um reconhecimento, atina possibilidades de resignificação e ato. O ato de escorar um saber, seu valor conferido ao vivido e à sustentação desse conflito.

“Tô ouvindo alguém me chamar” e o desfiladeiro das memórias

Quase possível de tatear, o caráter mediador da declamação recitativa de um discurso (no caso, abordaremos a poesia) e a melodia fazem emergir a *expressão daquela interioridade da alma* (Hegel, 1835/2002, p.328). A linguagem, como sempre, deixa transparecer a verdade. Devo deixar a ressalva de que algo sensível e efetivo advindo da escuta será apenas apontado, dado que seu movente é impossível de ser demonstrado. A letra de “Tô ouvindo alguém me chamar” é de Mano Brown, sendo colorida acusticamente por KL Jay. Na live *Draw & Brown* (jun.2020), uma conversa de Mano Brown e Drauzio Varella, Brown disse que criou a música numa prosa entre ele e Deus. Se trata de uma reivindicação poética em meio a uma vivência árida, um afrouxamento do tempo e a exploração de seus confins ao cronômetro do desfalecimento real do corpo.

Onze minutos desta obra são mesclados com o sample de Tom Browne, “*Charisma*”, que faz emergir a conexão de tempos na voz da memória vívida, a narração reminiscente em primeira pessoa e o presente fatal do personagem. A música nos faz mergulhar nos últimos momentos de vida do narrador, quando este tenta incessantemente discorrer sobre os porquês e por quês num estilhaço sinestésico e aquilo que toca a impossibilidade de futuro. Essa ocorrência se inicia ao som de um rádio abafado e distante, que toca o clássico “Do it me now” quando, em uma gradação de tensão, o piano é convidado à cena em inquietos acordes trítomos. E finalmente a enunciação: - “*Ae mano, Guina mandou isso aqui pra você*”. Escutamos o disparo. Depois, dá-se o início da contagem cardíaca ao som do simbólico monitor hospitalar (pois ele jaz na rua) que indica a cadência da finitude, a densidade intraduzível do fim e a delicadeza do tempo psíquico. Entram as lembranças de nosso personagem.

Tudo se inicia na angústia, sua ausência de visão quando alguém o chama. Em sua urgência de compreensão, pelas lembranças, temos um descortinamento de duas histórias que se atravessam em distintas, outras semelhantes vezes, na encruzilhada de encontrar ou ter um lugar. Ele se lembra de Guina, refuta se é esse quem chama, se está ou não na cadeia ou se morreu, e apresenta: o mano Guina,

professor do crime, de mó parceria e *sangue frio*. Desde o início do relato, Guina é posto como mestre, e seu percurso é contado às avessas de um retrato ideal, de êxito, do capital. As metáforas elaboradas abrem o âmago da introspecção que *nega construções imaginárias naturalizadas* (Safatle, 2005, p.105) que, jogando com significantes indicadores de sucesso, transforma uma fração de realidade reconhecida socialmente e cria espaço para uma nova narrativa ao revés de discursos de domínio. Vê-se o embate da dita promessa de futuro, reconhecimento social (estuda, trabalha e terás) e a realidade de um indivíduo dentro da comunidade que, já geograficamente, se localiza na periferia, à margem de direitos. “*Cuzão fica você com seu sonho de doutô. Quando acordar você me avisa, morô?*”.

Longe dos cadernos, bem depois
A primeira mulher e o vinte e dois
Prestou vestibular no assalto do ônibus
Numa agência bancária se formou ladrão
Não, não se sente mais inferior
Aí neguinho, agora eu tenho meu valor

A trajetória de formar-se ladrão passa pela revelia de ser invisibilizado pelo Estado e pela precariedade de acordos humanos. Aludida a um lugar promissor, a essência da lógica capital, em que *no mundão você vale o que você tem*, o crime aparece como via factível de alcance. Guina fruía do que nas comunidades comumente é nomeado como *ostentação* (*moto nervosa, mina da hora e roupa da moda*) e incluía nosso narrador nesse dito requinte, o que por consequência ganhava sua admiração. Se a entrada no crime vira um sinônimo de ter e ulteriormente leva a um reconhecimento local, nasce uma lógica de que *vida de ladrão não é tão ruim*.

Estatelado no chão, o narrador se lembra de seu primeiro crime, guiado e assistido por Guina, que fazia pessoas de reféns enquanto ele, desenhado através de metáforas de performance, concretizava seu *desempenho nota dez*. Lascas de memória do passado, ao fim do crime longínquo que Guina finaliza alvejando o segurança, se liquefazem na difícil tentativa de resistir à sua própria morte presente. A síntese do ar se esvaindo, aos sons de sirene, choros, risadas, e a nublada imaginação do futuro.

O Guina não tinha dó
Se reagir, bum, vira pó
Sinto a garganta ressecada
E minha vida escorrer pela escada
Mas se eu sair daqui eu vou mudar

Eu tô ouvindo alguém me chamar

Não é somente Guina que dispõe essa história que regressa de geração em geração. Os impasses que ressoam giram em torno de conflitos marcados por ensaios falidos de uma fantasia de futuro, e significantes como *valor, horror, moral, amor, laços, rua e morte* desdobram-se em *neuroses ululantes*. O mal-estar se mostra na finitude do corpo, angústia pela anomia ou frouxidão de nomeação deste (Dunker, 2015, p.231). Em seu segundo crime, a mando de Guina, ele vai ao encontro de um *especialista* em invadir mansões, outro ladrão da quebrada que possuía uma 380 (pistola), um símbolo de poder que terá seu valor transmutado ao fim da poesia. Mas deixemos isso para mais tarde. Para ter triunfo, o *nome e atitude* estavam em jogo, esse lugar não poderia ser resultado apenas de um roubo; esse mano com *moral até demais* ameaçava a liderança e honradez de Guina, que finaliza com três tiros o homicídio, depois do nosso narrador disparar seis vezes. A lida se perfaz na crueza da morte do outro; *caiu de olho aberto / tipo me olhando / me jurando*, que sinaliza o primeiro contato com o fim de uma existência, marcando as lembranças do personagem que voltam a ser lembradas minutos cantados depois. Sem sussurros, a lembrança se converte para percorrer outro caminho, a escolha da imbricação memorial necessária para traçar um entendimento, sobre a história de Guina e como os dois foram parar ali. O que há de indissociável entre o sensível e a forma é onde repousa a emoção estética que toca a temática do amor e do abandono.

Lembro que um dia o Guina me falou
 Que não sabia bem o que era amor
 Falava quando era criança
 Uma mistura de ódio, frustração e dor
 De como era humilhante ir pra escola
 Usando a roupa dada de esmola
 E ter um pai inútil, digno de dó
 Mais um bêbado, filho da puta e só
 Sempre a mesma merda, todo dia igual
 Sem feliz aniversário, Páscoa ou Natal

O trágico das duas vidas possui raízes em comum que, por efeito da produção de espaços sociais de exclusão, revelam a dificuldade de nomeação proporcional a um sofrimento não reconhecido. Um mal-estar que é, precisamente, *essa ausência de lugar ou essa suspensão de possibilidade de uma escansão no ser, a impossibilidade de "uma clareira" no caminhar pela floresta da vida* (Dunker, 2015,

p.234). Muitas vezes, é a cocaína a porta de suspensão da subjetividade que cria, por momentos fugazes, um apaziguamento no encobrimento do sujeito, uma harmonia imaginária com o mundo que não tarda em despencar. Ele nos conta sobre o pai de Guina, um alcoólatra que, em meio à pouquidade de condições, abandonou-o quando menor. A símile infância do narrador é calcada no mesmo desamparo. Durante a canção toda, a menção à sua falecida mãe e ao seu pai são apontadas uma única vez, ambas com inflexão sobre abstenção: *porra, mó saudade do meu pai / minha finada mãe proteja seu menino*. Sua elaboração, desde o preâmbulo de sua resenha sobre Guina, se metamorfoseia no existente peso histórico da experiência coletiva de exclusão, e em um sistema governamental que impede realizações de descentramento de poder, ascensão e alguma vereda de transformação. A intersecção dos discursos de sofrimento sustenta as remadas de um pensamento em uma contraposição que desestabiliza a naturalização de poderes estabelecidos.

Tipo, condição de ocupar um cargo bom e tal
 Talvez em uma multinacional
 É foda
 Pensando bem que desperdício
 Aqui na área acontece muito disso
 Inteligência e personalidade
 Mofando atrás da porra de uma grade

Algum dinheiro para fins práticos, possuir alguns bens, *ter moral...* O necessário para um reconhecimento de quem consagrava laço; *Guina*, seu irmão escolhido. Suas ações para alcançar o orgulho de Guina evocam profunda dor, despertada no corpo ao serem lembradas. Aquele trauma quase inarrativizável pelo choque do latrocínio, a lembrança daquele corpo no chão e uma criança que chora, que talvez fosse o filho do cara. *O quadro do terror* é projetado na tela da mente, no qual ele foi protagonista. Entre a cocaína para assegurar a adrenalina no crime, a suspensão da realidade que diz do paradoxo do reconhecimento pela violência, vê-se só na presente cena, sua efêmera existência em abandono:

Não to sentindo meu braço, nem me mexer da cintura pra baixo
 Ninguém na multidão vem me ajudar? Que sede da porra, eu preciso respirar!
 Cadê meu irmão?
 Eu tô ouvindo alguém me chamar
 (Ouve-se choro de criança, risada, o monitor hospitalar, sirene e uma respiração ofegante)

Nas constelações afetivas dos minutos finais, lembra-se do irmão de sangue. Da trajetória em que se apartaram; era diferente dele, quiçá teria estudado Direito e, pelo mérito (uma conhecida axiologia do discurso moral meritocrático que embebeda a sociedade), além do laço, *merecia ser feliz*. Tenta até alguma felicidade em uma lembrança, que (quem?) lhe diz que seu sobrinho recém-nascido parecia com ele e que um *pivete* sempre teve vontade de ter. Que *pela janela da classe* (da escola pública ou social?) a rua lhe atraía mais do que a escola. A fantasia de futuro se esmaece pela invisibilização e, quando aos dezessete anos sai de casa para se sustentar, é destinado a outro “laço” que desponta sua caminhada no crime.

O segundo encontro com a morte, desta vez numa tentativa de assalto num posto, resultou na sentença premeditada de um menino de dezesseis anos, baleado em confronto. O choque da morte bate de frente com seus valores e logo tenta se equilibrar em incertezas, que num esforço perdido de imaginar, pensa: *ir pra outro lugar, um emprego decente sei lá, talvez eu volte a estudar*. À noite, pulverulentas lembranças criavam uma espessa camada de desassossego em seu sono; *a noite era longa, mó neurose*.

(...) se o futuro tem uma realidade, o tempo se distancia do passado e se aproxima do futuro, mas, se o futuro for suprimido, o tempo deixa de ser aquilo que separa, que rompe o presente em relação a si mesmo (Sartre, 1947/2019, p.371).

O poeta já sabia que estava sendo perseguido por gente que dizia que *Guina* estava em cana (preso) por conta dele. Num possível encontro periclitante, calcula a traição daqueles que um dia defendeu e percebe que tudo era desculpa para meter a mão em dinheiro - que no caso, supunham que ele tinha. A totalidade de significado de laço se desfazia, revelando, no instante de sua fragmentação, a verdade. O medo era chuva fina perto da tempestade de decepção frente à fragilidade dos laços que tinham posições decisivas em sua vida. Resta tê-la não mais nas mãos do acaso, mas sim da fatalidade; *O diabo agora guia meu destino, se o júri for generoso comigo, quinze anos para cada latrocínio*. O passado que traz na memória firmes contornos nítidos, se oxida diante de um presente impermanente, anômico e silencioso. Decide então ir ao bar - desarmado - comprar cigarros, estava calor, e as somatizações da insônia pedem uma tomada de ar.

Ali, o sensível advindo da experiência, onde o presente rememorante revive aquela andança noturna nas ruas, transforma em um giro dialético o que em vias

monetárias era valorado. O sentido, o valor, pegam rumo de trilhos significantes intrinsecamente ligados ao sentido de liberdade humana, de existência:

Tem uns baratos que não dá pra perceber
 Que tem mó valor e você não vê
 Uma pa de árvore na praça
 As criança na rua
 O vento fresco na cara
 As estrela, a lua

Lembra-se então de dez minutos antes de ser baleado. *Dois moleque* caminharam em sua direção, um deles portando a arma que o próprio narrador nos conta que roubara do falecido ladrão, o *especialista*. A arma que ele dera a Guina. Aquela 380. Essa 380. Sua lembrança, portanto, não é uma tentativa de elaboração da própria morte iminente, mas sim, o luto de suas relações. Relações que convertem esquinas, ruas, em classes, e que trazem na memória dos espaços a sociedade marcada pelo descaso e abandono.

Sinto a roupa grudada no corpo
 Eu quero viver

 Não posso estar morto

 Mas se eu sair daqui eu vou mudar
 Eu tô ouvindo alguém me chamar

Ao exílio da linguagem trava-se a luta do impossível, contornar o Real até o litoral e desembocar no vazio ensurdecido. Obrigação de silêncio e a própria morte que escapa ao todo da formalização. O som, meramente simbólico, do monitor hospitalar ecoa ininterruptamente.

*

Do lado de quem transmite, a experiência se completa quando o vivido ultrapassa o âmbito solitário da vida interior e passa do privado ao público. O valor acrescido ao vivido, no ato dessa passagem, é evidente por si só. Do lado de quem recebe, escuta, acolhe e/ou questiona o relato da experiência de outrem, o fato de participar da corrente da transmissão (re)instaura do valor coletivo, perdido ou recalado, da condição humana. O psicanalista é alguém que trabalha por sua conta e risco, sozinho, sim, mas jamais solitário (Kehl, 2009, p.224).

SUSTENTAÇÃO DE CONFLITO

“Toda ação política é inicialmente uma ação de desabamento e só pessoas desamparadas são capazes de agir politicamente”
Vladimir Safatle

Bourdieu aponta como o Estado seria esse campo de poder, que detém o monopólio da violência física e *simbólica* (Bourdieu, 1990/2017, p.30). Esse terreno que influi nos conhecimentos, desconhecimentos, naturalizações de significantes e significados, e que opera, ao mesmo tempo, em uma imagem de aparente “controle” dos conflitos no mundo social, que são gerados pela mesma contingência que o aparato estatal produz. Pelas narrações do sofrimento é desmascarada a retórica de persuasão do sistema, a argumentativa conjectural justiceira. Através desses elementos culturais, as desigualdades são postas em cheque, assim como o abafamento das narrativas de desamparo e, conseqüentemente, o direito à preservação da memória e sua elaboração. A dimensão da linguagem que é atravessada na relação de alteridade faz com que a Cultura seja simulacro das estruturas históricas que sustentam esse campo de interlocuções sensíveis. Volto à primeira pergunta, elaborada no prelúdio: como percebemos a estrutura social brasileira, cortês e ressentida, que acolhe significantes conduzidos à uma naturalização e a uma banalização da nomeação, ou a uma anomia do mal-estar, do não dito? Bem, vejamos a seguir alguns estigmas que elucidam inflexões no que, há tempos, deveriam ser elaborações acerca da violência e do desamparo social.

Eduardo Taddeo inicia as primeiras páginas de seu livro “A guerra não declarada na visão de um favelado” propondo uma metáfora: “(...) *me senti na obrigação de manifestar ao público em geral, minha visão particular sobre a edição verde e amarela do holocausto do judeus*”. O Holocausto é uma mácula incontestável na História; em Berlim, por exemplo, vê-se museus como a *Topografia do Terror* espalhados pela cidade. Essas estruturas subsidiam o entendimento histórico do genocídio judeu e a valorização da memória é uma forma de elaboração que faz com que haja um reconhecimento mundial do sofrimento ocorrido, uma sensibilização das estruturas que independe da constante mutação de gerações. “(...) *os verdadeiros ‘avanços’ civilizatórios, quando ocorrem, não são necessariamente avanços da técnica, mas sim avanços nas possibilidades de simbolização do Real*” (Kehl, 2009,

p.29). Não é difícil pensar o porquê da metáfora de Eduardo sobre o letárgico olhar brasileiro diante do próprio passado histórico e da atualidade. A naturalização da violência cria um abismo no qual a elaboração se torna frágil e cada vez mais desafiadora de concepção em leitura de mundo. Em 2015 houve uma intervenção política e artística em um dos restaurantes da elite paulistana, localizado na Praça Panamericana, Alto de Pinheiros⁵. O nome do restaurante é Senzala. Do dicionário: *Sen.za.la: sf. Conjunto dos alojamentos destinados aos escravos nas antigas casas senhoriais ou fazendas. As grandes portas da casa branca que se nomeia restaurante são a metáfora viva do substrato dessa classe brasileira que se satisfaz em cima de um significante naturalizado que normaliza três séculos de suplício, opressão e morte. Haveria chances desse mesmo restaurante existir se seu nome fosse Auschwitz?*

Na zona norte paulistana, por exemplo, o massacre do Carandiru em 1992, que resultou na morte de 111 presos, teve seu soterramento histórico na implosão do presídio em 2002. Para minha surpresa, na minha visita ao Museu Penitenciário no ano passado, descobri que este só fora aberto ao público em 2014 (antes ficava dentro do antigo presídio, e era aberto apenas aos militares e a figuras convidadas, como por exemplo, a filha de Mussolini). Lá, não há palavras como *Massacre* ou *Chacina* nos escritos mostrados, e me foi revelado, aos sussurros, que os guias só podiam recorrer à palavra “*Rebelião*”; o que diz de uma censura, responsabilizando os presos pela atrocidade e alforriando os policiais envolvidos. A música *Diário de um Detento*⁶, dos Racionais MC’s, conta outra história, diferente daquela de Fleury que está ‘aberta ao público’ no Museu. Mas afinal, lembro daquela pergunta que me guiou em inquietude: Por onde circula nossa escuta que reivindica o direito à rememoração, à narrativização e à elaboração de histórias silenciadas?

Escolhi *Tô Ouvindo Alguém me Chamar*, em que a vida do narrador transborda para integrar-se na experiência coletiva. A Cultura é caldo híbrido, desprovido de nomes próprios, que atina dispositivos de subjetividade. Os Racionais procuram transpor o que, de início, naturalizado, parece intransponível. Aquilo que produz um saber, *os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento*⁷. Essa Arte de transformar-se num

⁵ <https://revistaforum.com.br/noticias/senzala-nunca-mais-intervencao-artistica-contesta-nome-de-restaurante-em-sp/>

⁶ Do álbum *Sobrevivendo no Inferno*, escrita por Mano Brown em parceria com o ex-detento Jocenir.

⁷ Foucault, 2014, p.31.

outro e desidentificar-se de si, tantos com o mesmo objetivo de luta para apropriação e elaboração da própria História.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. A imagem de Proust. In: _____. *Obras escolhidas* vol. 1: magia e técnica, arte e política. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. Ed. Revista. São Paulo: Brasiliense, 2012, pp.35-50.

BOURDIEU, P. *Sobre o Estado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CANDIDO, A. *Vários Escritos*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

DUNKER, C. *Mal Estar, Sofrimento e Sintoma*, Boitempo Editorial, 2015.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014

HEGEL. G. W. F. *Fenomenologia do espírito*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006.

_____. *Cursos de estética*. São Paulo: Edusp, v.III, 2002.

KEHL, M. R. *O Tempo e o Cão*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

LACAN, J. *Nomes-do-pai*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *O seminário, livro 10, A angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RACIONAIS MC's. *Sobrevivendo no Inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SAFATLE, V. A Paixão do Negativo. In: FREUD, S. *Cultura, Sociedade, Religião, O Mal-Estar na Cultura e outros escritos*. São Paulo: Autêntica, 2020.

SARTRE, J.P. In: FAULKNER, W. *O som e a fúria*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SENZALA. In: *Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa*. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=senzala>>. Acesso em 7/12/2020.

TADDEO, C. E. *A Guerra não declarada na visão de um favelado*. São Paulo: 2012.

DISCOGRAFIA

509- E. *Provérbios 13*. São Paulo: Atração, 2000. 1 disco sonoro (53 min).

RACIONAIS MC'S. *Raio X Brasil*. São Paulo: Zimbabwe Records, 1993. 1 disco sonoro (39min).

_____. *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Cosa Nostra/Zambia, 1997. 1 disco sonoro (72 min).

_____. *Nada como um dia após o outro dia*. São Paulo: Cosa Nostra/Zambia, 2002. 2 discos sonoros (107 min).